

O PROBLEMA DO TEXTO NA LINGUÍSTICA, NA FILOLOGIA E NAS CIÊNCIAS HUMANAS: DIÁLOGOS COM MIKHAIL BAKHTIN

Wilder Kleber Fernandes de Santana

Doutorando em Linguística - Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

João Pessoa, Paraíba, Brasil.

RESUMO: Este trabalho se propõe a discutir sobre um escrito de Mikhail Bakhtin intitulado “O problema do texto na Linguística, na Filologia e em outras Ciências Humanas”, o qual se encontra no adendo da coletânea *Estética da Criação Verbal* (2006 [1979]). Nesse sentido, objetivamos reacentuar e discursivizar as problemáticas desenvolvidas em contexto russo sobre o texto, assim como o que se compreende por fronteiras em perspectivas formal e dialógica. Os dizeres aqui construídos têm subsídio teórico nos pressupostos de Bakhtin (2006 [1979]; 2010 [1923-1924]), Volóchinov (2017 [1929]; 1926) e Medviédev (2016 [1928]), ao tratarem da problemática do texto em terreno russo. Em perspectiva dialógico-discursiva, no âmbito das discussões em Ciências Humanas, dividimos o nosso trabalho em duas seções. Na primeira, articulamos uma discussão, em notações bakhtinianas e volochinovianas, sobre o problema do texto. Após isso, procuramos discursivizar sobre a problemática que foi construída sobre as fronteiras, categoria mobilizada por Bakhtin na representação dos sentidos produzidos entre os enunciados.

PALAVRAS-CHAVE: Texto. Fronteiras. Dialogismo.

ABSTRACT: This paper proposes to discuss a paper by Mikhail Bakhtin entitled "The problem of the text in Linguistics, Philology and other Human Sciences", which is found in the addendum of the collection *Aesthetics of Verbal Creation* (2006 [1979]). In this sense, we aim to revive and discursive the problems developed in Russian context on the text, as well as what is understood by frontiers in formal and dialogical perspectives. The words here constructed have theoretical support in the assumptions of Bakhtin (2006 [1979], 2010 [1923-1924]), Volóchinov (2017 [1929], 1926) and Medviédev (2016 [1928]), when dealing with the problematic of the text in Russian terrain. In a dialogical-discursive perspective, in the scope of the discussions in Human Sciences, we divided our work into two sections. In the first, we articulate a discussion, in Bakhtinian and Volochinovian notations, on the problem of the text. After this, we try to discursivizar about the problematic that was constructed on the borders, category mobilized by Bakhtin in the representation of the produced meanings between the statements.

KEYWORDS: Text. Borders. Dialogism.

INTRODUÇÃO

Como escreveu no final dos anos 50 em O Problema do Texto, numa passagem que causou um certo desconforto em alguns de seus leitores, a incapacidade de responder é sempre pior do que uma inverdade. (EMERSON, 2003, p. 158).

O escrito de Bakhtin intitulado “O problema do texto na Linguística, na Filologia e em outras Ciências Humanas” (versão traduzida para a Língua Portuguesa) se encontra no adendo da coletânea *Estética da Criação Verbal* (2006 [1979]), e traz ricas contribuições aos estudos do texto, assim como novos modos de compreendê-lo. Essa produção simboliza, portanto, a concretização de uma série de discussões feitas por estudiosos integrantes do Círculo de Bakhtin, dentre os quais destacamos Mikhail Bakhtin (1895-1975), Valentin N. Volóchinov (1895-1936) e Pável N. Medviédev (1891-1938). Nesse direcionamento argumentativo, *o problema do texto* estaria ligado não apenas à maneira como filósofos (desde pressuposições aristotélico-platônicas) e gramáticos mobilizaram sua concepção, mas sobretudo como, na primeira metade do século XX, na Rússia, tornaram-se tão fortes seus reflexos.

Então, ao averiguarmos as condições histórico-ideológicas em que Bakhtin situa o contexto do formalismo¹ e da perspectiva dialógica da linguagem, através de pistas e rastros discursivos (VOLÓCHINOV, 2017), torna-se notória sua remissão a alguns dos principais críticos da filosofia e da literatura. Nesse *topos* hermenêutico, Santana (2017) situa que Bakhtin realizou, entre 1920 e 1924, o esboço de uma *filosofia do ato ético* que transpõe diálogos com Aristóteles (sobre a conceituação de ato enquanto potência), Schelling (1775-1854) e Hermann Cohen (1842-1918). “Esse reportar-se a outros consiste em uma “filosofia do ato (responsável)”, título que foi atribuído a um de seus escritos pelo editor russo”. (SANTANA, 2017a, p. 61).

Os parâmetros dialógicos da linguagem são essenciais para ultrapassar a perspectiva escolástica de texto, enquanto conjunto morfossintático de palavras, fundamentada em sequências estruturais sintagmáticas. O contemporâneo ensino de texto, em esfera dialógico-discursiva da atividade humana, na medida em que apresenta fios condutores para a

¹ Santana (2018) afirma que alguns grupos, na Rússia, como a *Sociedade para o Estudo da Língua Poética* (OPOYAZ) promoviam a disseminação de um estudo mediante o qual houvesse a distinção entre linguagem prática e linguagem poética. Integravam esse grupo, com surgimento entre 1916 e 1917, “Viktor Chklóvski (1893-1984), Iury Tiniánov (1894-1943), Boris Eikhenbaum (1886-1959), Viktor Vinográfov (1895-1969), Viktor Jirmúnski (1891-1971) e o próprio Lev Iakubínski (1892-1946)” (GRILLO, Ensaio introdutório, 2017, p. 42).

compreensão de texto como discurso, nos faz perceber que “Em cada momento concreto da formação discursiva, os enunciados são estetificados em camadas socioideológicas, ou seja, manifestam-se através da história e da memória culturais (processo de esterificação)” (SANTANA, 2017, p. 237).

Este estudo, o qual está pautado em uma ampliação de horizontes por parte de Bakhtin, daquilo que havia desenvolvido em *Para uma filosofia do ato responsável*², insere-se em uma dimensão investigativa sobre os problemas concernentes à categoria texto, não apenas na Rússia ou em países europeus. Tomamos como alicerce o dialogismo, categoria a qual consideramos indispensável à construção de sentidos na construção discursiva. Em um contexto de problematizações quanto à importância do ato de ler e escrever no âmbito educacional brasileiro, acreditamos que tais reflexões são imprescindíveis para que pesquisadores e/ou estudiosos estejam cada vez mais capacitados, na dialética teoria-prática.

Com base no exposto, dividimos o nosso trabalho em duas seções. Na primeira, articulamos uma discussão, em notações bakhtinianas e volochinovianas, sobre o problema do texto. Após isso, procuramos discursivizar sobre a problemática que foi construída sobre as fronteiras, categoria mobilizada por Bakhtin na representação dos sentidos produzidos entre os enunciados.

1. O PROBLEMA DO TEXTO: NOTAÇÕES BAKHTINIANAS E VOLOCHINOVIANAS

Após adentrar o texto com o subtítulo *Uma experiência de análise filosófica*, Bakhtin pontua a necessidade de denominar o item *filosófica*, já que se trata de sua experiência. Inicia tecendo comparações com outros campos de saber, o que faz através da negação: “não é uma análise linguística, nem filológica, nem crítico-literária ou qualquer outra análise (investigação) especial.” (2006 [1979]), p. 307). Sobre esse ponto, é necessário não confundir

² Originalmente, a obra foi escrita nos anos 1920, mas só foi descoberta em 1986. Trata-se de um manuscrito ainda não concluído que teria sido traduzido do italiano “da edição organizada por Augusto Ponzio, que tomou como base a última versão russa, que aparece nas Obras completas de Bakhtin” (FIORIN, 2011, p. 205). A versão brasileira oficial, *Para uma Filosofia do Ato responsável*, foi traduzida por Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco e publicada pela Pedro & João editores no ano de 2010. Antecedeu a essa uma versão que circulou nos meios acadêmicos (tradução para fins didáticos), de Carlos Alberto Faraco e de Cristóvão Tezza, intitulada *Para uma filosofia do ato*, datada de 1993.

os métodos e as proposições da filosofia com as esferas às quais foi comparada, uma vez que cada uma possui sua especificidade. Depois, em considerações positivas ao caráter filosófico de suas propostas, atesta o filósofo que sua pesquisa “transcorre em campos limítrofes, isto é, nas fronteiras de todas as referidas disciplinas, em seus cruzamentos e junção.” (BAKHTIN, 2006 [1979]), p. 307).

Na perspectiva de Cunha (et. al, 2010), no que tange às diferenças entre linguística e filologia, a primeira, como estudo científico, além de ser sistêmica em suas observações sobre a linguagem, “tende a ser empírica, e não especulativa ou intuitiva, ou seja, tende a basear suas descobertas em métodos rígidos de observação” (CUNHA et.al, 2010. p. 20). Por seu turno, a filologia consiste em uma ciência eminentemente histórica, a qual, tradicionalmente, “se ocupa do estudo de civilizações passadas através da observação dos textos escritos que elas nos deixaram, com o intuito de interpretá-los, comentá-los, fixa-los e de esclarecer ao leitor o processo de transmissão textual.” (CUNHA et.al, 2010. p. 23). Na linha interpretativa de Auerbach (1972, p. 11),

A filologia é o conjunto das atividades que se ocupam metodicamente da linguagem do Homem e das obras de arte escritas nessa linguagem. Como se trata de uma ciência muito antiga, e como é possível ocupar-se da linguagem de muitas e diferentes maneiras, o termo filologia tem um significado muito amplo e abrange atividades assaz diversas.

Em escala paralela, a crítica literária, no caso a russa, estava tomada pelos métodos formalistas, o que fazia com que não houvesse pontos de comparação com a filosofia. As críticas eram bastante limitadas, não saindo das margens morfossintáticas, permanecendo nos níveis de descrição gramatical, e ignorando-se a perspectiva sociológica.

Sobre a afirmação de a filosofia transcender nas fronteiras, tal fato consiste na interligação existente entre arte e cultura (vida) nos estudos literários, pois as fronteiras são o lugar onde se dão os sentidos múltiplos, é o feixe semântico das possibilidades de significado(s) de determinado enunciado. É por esse motivo que microterritório da heterodiscursividade³ é onde se dá “A confiança na palavra do outro, a aceitação reverente (a palavra autoritária), o

³ O heterodiscurso consiste na ampliação e no aprofundamento dos enunciados para além da estrutura e da funcionalidade. Seu acontecimento pleno se dá na concretude do dialogismo, em que as construções enunciativas são situadas historicamente, revestidas por forças centrífugas e centrípetas que lhe dão significação e sentido(s). (SANTANA, (2017b, p. 239).

aprendizado, as buscas e a obrigação do sentido abissal, *a concordância*, suas eternas fronteiras e matizes”. (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 327, grifos meus).

Continua, então, o pesquisador soviético:

O texto (escrito ou oral) enquanto dado primário de todas essas disciplinas, do pensamento filológico-humanista no geral (inclusive do pensamento teológico em sua fonte). O texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências), a única da qual podem provir essas disciplinas e esse pensamento. *Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento*. (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 307, grifos meus).

O que se averigua são duras críticas às perspectivas com que os formalistas russos⁴ mobilizavam a categoria texto, tanto em suas produções escolares e acadêmicas quanto em seus discursos e movimentos “artísticos”. Bakhtin não concebe texto enquanto conjunto de palavras coerentes e coesas, ou enquanto frase nem período, mas sua percepção vai além de asserções estruturalistas, enxergando-o como materialidade sígnica, o que também é bastante explorando por Volóchinov em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (2017 [1929]). Ao compreender a língua em sua natureza real/viva, afirma que não consiste em um sistema abstrato de formas linguísticas (fonéticas, gramaticais e lexicais), mas sua concretude se dá a partir desses elementos linguísticos em contexto específico. Surgem, assim, as seguintes proposições:

1. A língua como sistema estável de formas normativas e idênticas é somente uma abstração científica produtiva apenas diante de determinados objetivos práticos e teóricos. Essa abstração não é adequada à realidade concreta da língua.
2. A língua é um processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação sociodiscursiva.
3. As leis da formação da língua não são, de modo algum, individuais e psicológicas, tampouco podem ser isoladas da atividade dos indivíduos falantes. As leis da formação da língua são leis sociológicas em sua essência.
4. A criação da língua não coincide com a criação artística ou com qualquer outra forma de criação especificamente ideológica. No entanto, ao mesmo tempo, a criação linguística não pode ser compreendida sem considerar os sentidos e os valores ideológicos que a constituem. A formação da língua, como qualquer formação histórica, pode ser percebida como uma necessidade mecânica cega, porém também pode ser uma “necessidade livre” ao se tornar consciente e voluntária.
5. A estrutura do enunciado é uma estrutura puramente social. O enunciado como tal existe entre os falantes. O ato discursivo individual (no sentido estrito do termo “individual”) é um *contradictio in adjecto* (VOLOCHÍNOV, 2017 [1929], p. 225, grifos do autor).

⁴ Integravam esse grupo, com surgimento entre 1916 e 1917, “Viktor Chklóvski (1893-1984), Iury Tiniánov (1894-1943), Boris Eikhenbaum (1886-1959), Viktor Vinogradov (1895-1969), Viktor Jirmúnski (1891-1971) e o próprio Lev Iakubínski (1892-1946)” (GRILLO, Ensaio introdutório, 2017, p. 42).

Enquanto sistema de signos, o texto transcende a realidade escrita ou oral, mas perpassa as diversas produções humanas, seja em nível estético, ético ou cognitivo. Volochínov (2017 [1929]), na medida em que compreende a linguagem como fenômeno social e tessitura da interação humana, contrapõe-se severamente às tendências linguístico-filosóficas solidificadas na Rússia pós-revolução de 1917, tanto objetivistas, representadas pelos estudos de Saussure, quanto subjetivistas, tendo como representante principal Humboldt.

Tais posicionamentos também são encontrados em *Discurso na vida e discurso na arte* (assinado por Volóchinov e publicado primordialmente em 1926), em que a palavra é gerenciada como elemento concreto da vida, interligada à realidade, e constituindo-se como parte de um processo de interação entre interlocutores. Stella (2013) comenta que a palavra se torna signo ideológico “porque acumula as entonações do diálogo vivo dos interlocutores com os valores sociais, concentrando em seu bojo as lentas modificações ocorridas na base da sociedade” (2013, p. 178).

Nessa direcionalidade argumentativa, afirma Bakhtin que o texto, compreendido em termos mais amplos que aquela realidade formal, como conjunto coerente de signos, resultará no fato de que “a ciência das artes (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) opera com textos (obras de arte)” (2006 [1979], p. 307). Esse prisma dialógico de compreensão reacentua o que fora produzido por Medviédev sobre o campo geral das Ideologias (2016 [1928]). De igual modo, os dizeres bakhtinianos incidem sobre outros estudos, como os de Seincman (2008), o qual discorre sobre interrelação entre manifestações artísticas, especificamente as músicas na esfera da comunicação humana:

Entendo comunicação musical como duas palavras inseparáveis por natureza, já que a música é escrita e interpretada em função de sua comunicabilidade, de sua interação com todos os agentes que a realizam enquanto fenômeno material – autores, obras, intérpretes, ouvintes – e imaterial – história, cultura, repertório, visão de mundo. (SEINCMAN, 2008, p. 69)

Ao propor uma poética de expressões e diálogos via conteúdos internos, o autor não apenas enxerga a obra de arte como possuindo uma materialidade física (visual ou sonora), mas sobretudo através de códigos, sejam gestos, formas, movimentos, cores, luz ou notas. A comunicabilidade, a qual pressupõe no mínimo duas consciências (BAKHTIN, 2006 [1979]), institui um interagente, ou seja, um outro ser que me constitui no processo de produções ético-estéticas. É desse modo que o filósofo russo assevera, sobre o texto enquanto ativismo artístico:

“São pensamentos sobre pensamentos, vivências das vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos.” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 307). Tal como movimento exotópico, todo esse percurso reinsere no campo de discussões a agenda de Bakhtin sobre o método formal russo, o qual propõe um nihilismo artístico (MEDVIÉDEV (2016 [1928])).

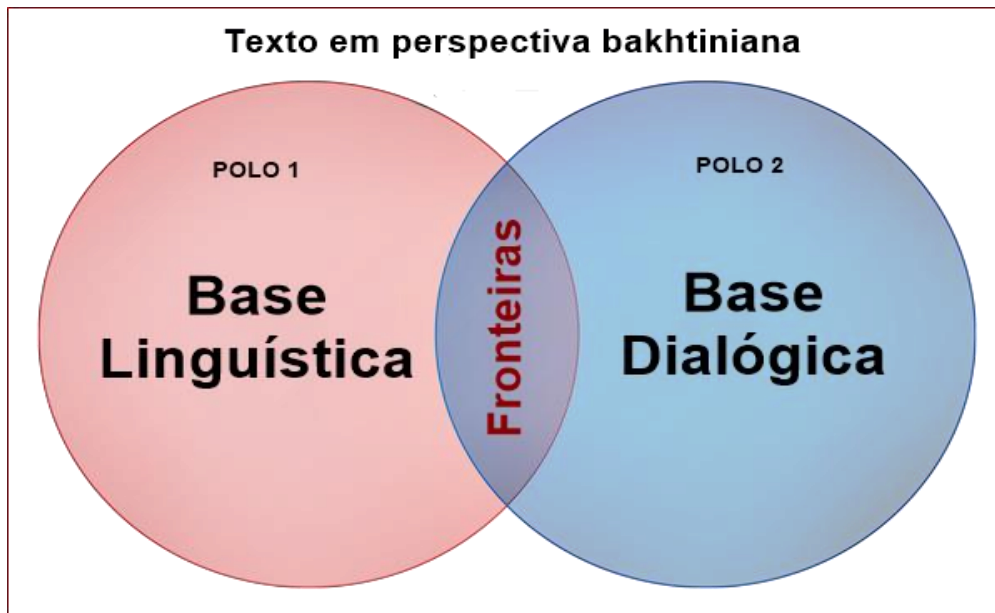
2. O TEXTO E O PROBLEMA DAS FRONTEIRAS

Com relação ao tenso movimento de dualidades e pontos de vista que incidem na comunicação discursiva, Bakhtin dedica parte de seu estudo às peculiaridades de dois polos existentes no texto.

Cada texto pressupõe um sistema universalmente aceito (isto é, convencional no âmbito de um lado do grupo) de signos, uma linguagem (ainda que seja linguagem da arte). Se por trás de um texto não há linguagem, este já não é um texto, mas um fenômeno das ciências naturais. (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 309)

Nesse sentido, os polos do texto (signo) consistem justamente em suas bases formadoras: a linguística-estrutural, de um lado, e a discursiva-dialógica, de outro, ou como pontua Volóchinov (2017 [1929]), uma significação (domínio do repetível) e um tema (lugar do irrepetível). Vejamos como isso se configuraria em termos gráficos:

Gráfico 1: Texto em perspectiva bakhtiniana



Fonte: gráfico produzido pelo autor

Conforme se demonstra no gráfico anteposto, o texto, em perspectiva bakhtiniana, será sempre composto de dois polos, e é unicamente nas fronteiras (diálogos) entre todos os elementos componentes (os quais são necessários) que ocorre a compreensão da arquitetura do enunciado.

Quanto ao primeiro polo, serão observados, segundo Bakhtin, “uma série de elementos que podem ser chamados de técnicos (aspecto técnico do gráfico, da obra, etc). A esse sistema corresponde tudo o que *é* repetido e reproduzido e tudo o que *pode ser* repetido e reproduzido” (2006 [1979], pp. 309-310). Volóchinov abordará esse conceito como a significação, a qual consiste “naqueles aspectos do enunciado que são repetíveis e idênticos a si mesmos em todas as ocorrências” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 228)., mais precisamente “um artefato técnico de realização do tema.” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 229).

No que assiste ao segundo polo, de base dialógica, dar-se-á o efeito de compreensão do enunciado, via historicidade e contextualização. Nessa verificação,

...é algo único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (sua intenção em prol da qual foi criado). É aquilo que nele tem relação com verdade, com a bondade, com a beleza, com a história. Em relação a esses elementos, tudo o que é suscetível de reprodução e repetição vem a ser material e meio. Em certa medida, isso ultrapassa os limites da linguística e da filologia. (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 310).

Nessa confluência discursiva, afirma o filósofo soviético que o segundo polo é inerente ao texto, porém, só se revela no momento em que ocorre acesso às fronteiras, ou seja, em que sai dos limites estruturais para tentar compreender o processo de construção e formulação, ou até mesmo *como* se desvelou aquela comunicação discursiva.

Para percebermos de forma exemplificada a interconstituição dos enunciados através dos elementos constituintes polo 1 – polo 2/ tema – significação, reportemo-nos ao exemplo “Que horas são?”, analisado por Volóchinov:

O tema do enunciado “Que horas são?” é singular e, tomado em uma ligação estreita com a situação histórica concreta, não pode ser subdividido em seus elementos linguísticos. Obviamente, a significação do enunciado “Que horas são?” é a mesma em todas as situações históricas em que é proferido, sendo composta pela significações das palavras das formas da sua ligação morfológica e sintática, da entonação interrogativa, etc. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 229).

Conforme se averigua, todos os aspectos que atravessam a situação comunicativa são imprescindíveis para a compreensão do texto (enunciado), inclusive os elementos formais, que estão na base da significação. Assim, posta a necessidade de se recorrer aos aspectos histórico-ideológicos do enunciado, atesta Bakhtin que “esse segundo polo é indissolivelmente ligado ao elemento da autoria, e não tem nada em comum com a singularidade natural e causal.” (2006 [1979], p. 310).

Quanto aos problemas relacionados às fronteiras do texto, ou seja, às especulações (e afirmações) de que as fronteiras seriam limites para interpretações textuais, esses eram os que mais incomodavam os pesquisadores do círculo de Bakhtin. Na ótica dos estudiosos russos, as fronteiras não indicam limites, mas possibilidades de novas compreensões, na medida em que oportunizam a interrelação entre uma multiplicidade de vozes. Além disso, saliente-se que, dada a inovação na concepção dialógica da linguagem, Bakhtin operou um deslocamento da noção de texto, em que o compreende por enunciado.

O problema das fronteiras não consiste em uma perspectiva imanentista, ou seja, não há erro nas fronteiras, e sim como os sujeitos leitores e pesquisadores mobilizam os enunciados. Ainda perpassados por uma perspectiva formalista, não conseguem estabelecer relações entre os polos 1 e 2, ou entre a significação e o tema. A problemática, então, se agrava por descreditar a “inter-relação semântica (dialética) e dialógica dos textos no âmbito de um determinado campo.” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 310). A questão específica, na terminologia do professor

russo, está no uso ou não da interrelação histórica dos textos. Caso não se estabeleça ligação com o segundo polo, as fronteiras ficam reduzidas a explicações causais, infundadas, desmaiadas por sua indeterminidade.

O acontecimento (vivo e concreto) do texto, portanto, está condicionado às fronteiras do diálogo, às réplicas encarnadas pela voz do(s) outro(s). Essa essência do texto-enunciado “se desenvolve na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos” (BAKHTIN, 2006 [1979], p. 310), fator que potencializa a linguagem e seus elementos integrantes, tais como o autor, o gênero, a corrente histórica, a época, a língua e enfim a singularidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As problemáticas elencadas por Bakhtin no referente ao texto partem de inquietações, uma vez que estava no crivo das propostas formalistas demarcadamente limitadas, imanentistas, excludentes e sem vida. Ao pensar em outras instâncias para o texto, os estudiosos membros do círculo de Bakhtin não apenas condicionam outras formas de ler/ver/perceber/dialogar, mas apontam, responsabilmente, para a necessidade do diálogo real, vivo, histórico.

As fronteiras são conferenciadas como o lugar mais importante do texto, uma vez que não unem apenas dois polos, mas interior e exterior, viabilizam novas possibilidades de compreender, na multiplicidade de sentidos que a língua nos possibilita.

Esperamos, com a pesquisa, contribuir com as inesgotáveis palavras que tem contracenado na academia contemporânea. De igual modo, que nossos dizeres atuem na consciência dos leitores como provocações para novos horizontes, réplicas vivas em um palco de (contra)discursos.

REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários**. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1972.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da Criação Verbal**. [tradução feita a partir do russo; tradução Paulo Bezerra]. 5ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006 [1979].

CUNHA, Angélica Furtado da. COSTA, Marcos Antonio. MARTELOTTA, Mário Eduardo. Linguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo et.al (orgs.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2010.

EMERSON, Caryl. **Os 100 primeiros anos de Mikhail Bakhtin**. Tradução de Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro, DIFEL, 2003.

GRILLO, S. Marxismo e Filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX. Ensaio introdutório. (p. 42). In: VOLOCHÍNOV, V. N. (círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem** - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de. A contrapalavra no gênero charge: uma análise a partir de Bakhtin e o círculo. in: **Revista Prolingua**. Volume 12 - Número 2- out/dez de 2017a.

_____. Heterodiscursividade e axiologia no primeiro capítulo do Cântico dos Cânticos. In: BARBOSA, Maria de Fátima Mesquita. **SINALP – Simpósio Nacional de Literatura Popular**. Cultura Popular e Cosmopolitismo. Simpósio Nacional de Literatura. Anais. João Pessoa: Midia Editora, 2017b. p. 237-247.

_____. Ensino dialógico de literatura na educação básica e a formação de sujeitos críticos. In: PAIVA, Francisco Jeimes de Oliveira. SILVEIRA, Éderson Luís (orgs). **O ensino na Educação Básica: Diálogos entre sujeitos, saberes e experiências docentes**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

SÉRIOT, Patrick. O pensamento etnicista na URSS pos-soviética. In: SÉRIOT, Patrick. **Línguas e Instrumentos linguísticos**. Campinas: Pontes, 2005. p.9-26.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In: BRAIT, Beth (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2013.

VOLOCHÍNOV, V. N. (círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem** - Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo – Ensaio introdutório de Sheila Grillo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017.

_____. **Discurso na vida e discurso na arte**. Trad. para fins acadêmicos de Carlos Alberto Faracco e Cristóvão Tezza. 1926.